

Aurélia Teixeira Férrer

Centenário de uma Mulher Exemplar

Dimas Macedo

Em 1804, na primitiva Povoação de Lavras, ainda não-elevada à condição de Vila, o Governador do Ceará, João Carlos Augusto de Oyenhhausen e Gravenburg (o Marquês de Aracati), descendente da Marquesa de Alorna, e com ascendência numa das principais nobrezas da Europa, levou à pia batismal um dos filhos de Francisco de Oliveira Banhos e Ana Rosa de Oliveira Banhos.

E possivelmente por impulsos de sangue, permitiu que o menino levasse o seu nome para a posteridade. João Carlos Augusto, o filho afortunado de Ana Rosa, foi, como o padrinho, um dos grandes políticos da época em que viveu. Mas foi grande, fundamentalmente, porque reproduziu na descendência o sobrenome ilustre que herdara, por via de afetos que a tradição ainda não pode comprovar.

A Família Augusto, portanto, da cidade de Lavras da Mangabeira – Ceará, segundo Joaryvar Macedo (*Os Augustos, Fortaleza, Imprensa Universitária, 1971*), é originária daquele município, onde nasceu o menino João Carlos, cujos prenome, nome e sobrenome lhe foram confirmados pelo rito sagrado do batismo.

Essa singularidade, contudo, na pátria de Linhares Filho e de Sinhá D'Amora, não é um privilégio dos Augustos, tão-somente: Raimundo de Araújo Lima (descendente de uma outra estirpe memorável) e Ana Gonçalves da Silva (a conhecida Naninha dos Pereiros) também geraram um varão que se tornou uma espécie de Abraão daquele município. Seu nome: Vicente Férrer de Araújo Lima. A ele coube o privilégio de batizar os filhos (a todos, indistintamente) com o prenome que recebera em homenagem ao padroeiro da freguesia – São Vicente Ferrer.

Férrer (com acento agudo na primeira sílaba) e não Ferrer, como são conhecidos os componentes dessa tradicional família da Ibéria, foi o artifício que Raimundo de Araújo Lima e Ana Gonçalves da Silva encontraram para preservar um jeito de ser, lavrense, muito especial.

Porém, deixando um pouco de lado os Araújo Lima – sobrenome que ungiu também um dos maiores lavrenses do seu tempo (Raimundo Ferreira

de Araújo Lima: Deputado Geral e Ministro da Guerra do Império) –, passemos agora para o outro ramo da ancestralidade de Vicente Férrer de Araújo Lima, pai da homenageada, cujo centenário é comemorado nesta ocasião.

Seria ele, por via da avó ou do avô maternos, segundo uma versão e uma tradição histórica que ainda não pude comprovar, bisneto privilegiado de Vitorino Gomes Leitão e de Joana Batista de Jesus; neto de Pedro Ribeiro Campos e Ana Maria Bezerra; e filho, como já vimos, de Ana Gonçalves da Silva e de Raimundo de Araújo Lima.

Não tenho elementos para confirmar ou negar essa afirmação. Mas posso assegurar, contudo, que nem o seu nome, nem os nomes dos seus ascendentes (maternos ou paternos), figuram em Os Gomes Leitão – Ramos de Lavras, Crato e Cajazeiras, de autoria de Deusdedith Leitão (João Pessoa, Companhia Editora A União, 1982).

Pesquisando-lhe os traços biográficos, entretanto, acho que é possível afirmar o seguinte: Vicente Férrer de Araújo Lima foi componente da Guarda Nacional da Comarca de Lavras, tendo, em fevereiro de 1890, na condição de republicano histórico, assumido o Conselho de Intendência Municipal.

Em fase posterior da sua militância política, de forma serena, porém sempre firme e conciliatória, ocupou os cargos de Vereador e Presidente da Câmara, tendo exercido também o cargo de Prefeito Municipal de Lavras, em pelo menos duas oportunidades: em 3 de maio de 1925 e a 20 de setembro de 1926, segundo pude constatar em Lavras da Mangabeira – Um Marco Histórico, de Rejane Monteiro Augusto Gonçalves (Fortaleza, Tipoprogresso, 2ª ed., 2004).

Nascido na então Vila de Lavras, em 1858, alí faleceu aos 02 de novembro de 1929, contando 71 anos de idade. E para muito além de político e cidadão exemplar, senhoreou, em seu município de berço, propriedades agrícolas e várias fazendas de criar, entre elas a Cachoeira, a Cabaceiras, os Pereiros, o Poço e a Várzea Cumprida, consociando-se alí com Maria Teixeira de Araújo – Maria Teixeira Férrer, posteriormente, ou Mariinha Férrer, como ficou conhecida pelos seus conterrâneos.

Mariinha Férrer, a mãe afetuosa e querida de Aurélia, por via do avô paterno, era descendente dos Teixeira Mendes, da vizinha cidade do Icó. Já por via de sucessão da avó paterna (Ana Rosa Joaquina), e da avó materna (Pulquéria Bernardina Sobreira), possuía ascendência na casa dos grandes patriarcas que povoaram o município de Lavras, e que foram, coincidentemente, seus bisavós: Francisco Xavier Ângelo Sobreira, senhor da Fazenda Logradou-

ro (margem esquerda do Salgado), Capitão-Mor e Comandante Geral da Vila de São Vicente das Lavras; e Antônio José Correia, senhor da Fazenda Mangabeira (na margem direita do Salgado) – sede da primitiva povoação de São Vicente Ferrer.

Vicente Teixeira Mendes, o pai de Mariinha Férrer e avô materno de Aurélia, nasceu em Lavras da Mangabeira, aos 21 de outubro de 1842, e faleceu na mesma cidade, aos 24 de fevereiro de 1884. Era filho de Antônio José Teixeira e Ana Rosa Joaquina Xavier Sobreira. Teve por esposa Silvéria Bernardina Sobreira: ela, filha de Pulquéria Bernardina Sobreira e do Tenente-Coronel Manuel Antônio Correia Favela.

Pulquéria Bernardina Sobreira, a bisavó materna de Aurélia, era filha de Maria Silvéria de Almeida e de Antônio José Correia, acima nominado. Já Ana Rosa Joaquim Xavier Sobreira, a bisavó paterna, era filha de Francisco Xavier Ângelo Sobreira, também acima referido, e da sua segunda mulher, Cosma Francisca de Oliveira Banhos, irmã, esta última, de João Carlos Augusto, pai de Fideralina Augusto e fundador da oligarquia-mor do Vale do Salgado.

Manuel Antônio Correia Favela, avô materno de Mariinha Férrer e, por conseguinte, bisavô materno de Aurélia, era natural de Várzea Alegre e pertenceu à Guarda Nacional de Lavras, no posto de Tenente-Coronel. Rendido aos encantos da mulher e ao patrimônio desmedido do sogro, Antônio José Correia, fixou-se na gleba adotiva e ali contraiu relações sociais duradouras. Entre os seus descendentes, além de todos os integrantes da Família Férrer, estão os membros da Família Favela, contando-se entre eles o poeta popular lavrense, João Favela de Macedo, os ex-vereadores e líderes políticos daquele município, Vicente Favela de Macedo e Manuel Favela Saraiva (Nelzinho), e o Monsenhor José Edmilson de Macedo, orador sacro de renome e Cônego Catedrático do Cabido da Sé da Bahia.

Vivenciando um dos casamentos mais duradouros e eficazes da história de Lavras, o coronel Vicente Férrer de Araújo Lima e sua consorte Mariinha Férrer foram pais de uma prole de 15 filhos, pelo menos – oito homens e sete mulheres, assim discriminados em ordem cronológica: Aurélia (a primeira desde nome), Maria Cira (consorte do Coronel Raimundo Augusto Lima), Luís (Lêla Férrer, consorte de Guilhermina Augusto de Aquino), Maria Marian (consorte do Dr. José Gonçalves Linhares), Oswaldo (cognominado Teixeira, consorte de Augusta Benevides), Ana (cognominada Sinhara, consorte de José Lindolfo Bezerra), Celí (consorte de José Augusto Banhos), Benedicto (doutorando da Faculdade de Medicina da Bahia, falecido aos 19 de agosto

de 1928), Anselmo (consorte de Guiomar de Holanda Cavalcanti), Silvéria (Soubé, sem descendência), Sandoval (sacerdote da ordem secular), Amâncio (falecido criança), Aurélia (Irmã Férrer, a segunda deste nome), Dorimedonte (Dori, consorte de Necita de Sousa Férrer) e Vicente Férrer de Araújo Lima Filho (Ferrim, sem descendência).

Aurélia Teixeira Férrer (Irmã Férrer, Madre Férrer ou ainda Tia Ledy, como era carinhosamente tratada pelos seus sobrinhos, e a quem me compete reverenciar neste texto) seguiu a carreira religiosa, tal como o irmão de nome Sandoval, que chegou, na vida eclesiástica, à dignidade de Cônego.

Era, na ordem dos filhos de Mariinha Férrer e de Vicente Férrer de Araújo Lima, a décima terceira na linha de sucessão filial. E também a segunda a receber o nome da primeira filha do casal, falecida aos 17 anos.

Nasceu em Lavras da Mangabeira/Ceará, aos 26 de novembro de 1905. As primeiras letras aprendeu-as no próprio ambiente familiar e as tomou dos professores Henrique Augusto de Aquino e Afonso César Targino Filho, este último Juiz de Direito da Comarca de sua terra de berço. Em 1923, entrou para o Colégio de Nossa Senhora do Sagrado Coração, de Fortaleza, dirigindo pelas Irmãs Dorotéias, onde realizou os estudos secundários e o Curso Complementar.

A inclinação de Aurélia, para a vida religiosa e espiritual, não se deve apenas à influência do irmão, o Cônego Sandoval, que foi, por sinal, a amizade e o afeto que lhe tocaram de perto à sensibilidade. Essa inclinação, ao contrário, atende a um jeito de ser de seus predecessores. O ilustre sacerdote lavrense, João Correia da Costa Sobreira, por exemplo, era irmão da sua bisavó Pulquéria. E da casa do seu trisavô, Francisco Xavier Ângelo Sobreira, proviam os célebres revolucionários lavrenses, Padres José Joaquim Xavier Sobreira, Cosmo Francisco Xavier Sobreira e Francisco Xavier Gonçalves Sobreira, todos, assim como o primeiro, formados no tradicional Seminário de Olinda.

Alguns colaterais de Aurélia, igualmente, assumiram funções sacerdotais de forma muito virtuosa. Mas nenhum deles, me parece, e nenhum deles – repito –, em grau de santidade e de apego aos Evangelhos, foi superior àquele que é, de fato, a glória suprema do ramo materno da família – Tito de Alencar Lima (Frei Tito), célebre dominicano brasileiro de renome internacional e primo, aliás, em segundo grau, de Aurélia.

Decidindo-se pela vida religiosa, em Olinda, Pernambuco, fez o noviciado da Congregação das Irmãs de Santa Dorotéia, onde teve por professor de Latim o Monsenhor Pedrosa. Terminando o aprendizado religioso em

Olinda, seguiu para São Luiz do Maranhão, onde iniciou o seu apostolado, vindo em seguida prestar serviços à congregação em Fortaleza.

No Colégio das Dorotéias de Cajazeiras-PB esteve por um período de dez anos e, em Alagoa Grande, no mesmo Estado, permaneceu durante os anos de 1954 e 1955. A Ordem das Dorotéias conduziu-a para Belém em 1956 e, em 1959, as exigências do apostolado a levaram aos Estados Unidos, onde residiu por um período de quatro anos, regressando ao Brasil em 1963. Ali, estabeleceu-se na Região da Nova Inglaterra, mais precisamente em Bristol e New Bedford, onde desenvolveu intenso trabalho caritativo, realizando da mesma forma estudos superiores de Teologia e Psicologia na Universidade da Providência, em East Providence.

Nos Estados Unidos da América, manteve relações de amizade e de trabalho caritativo e social com a família Kennedy, de cuja residência foi hóspede, sendo, inclusive, correspondente de Jacqueline Kennedy no Brasil. Foi também correspondente, no Brasil, de Dag Hammarsjöld, ex-Secretário das Nações Unidas, a quem conheceu quando da sua estadia na Europa e cujo perfil cinzelou em um dos seus escritos em prosa.

Dos Estados Unidos regressou diretamente para Belém, onde viveu a maior parte da sua vida de religiosa. Ali integrou o núcleo regional da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, por designação da Arquidiocese de Belém, e militou como jornalista profissional na imprensa da capital paraense, especialmente junto aos jornais O Liberal, A Província e A Folha do Norte, mantendo ainda na Rádio Liberal um programa de orientação religiosa.

Em 1966, a serviço da Congregação, viajou por Portugal, Espanha, França, Itália, Suíça, Alemanha, Grécia e Israel, registrando essa peregrinação em magistrais poemas tocados pela magia da fé. Retornando a Belém, prosseguiu em seu apostolado, sendo transferida para Fortaleza em 1977, onde desenvolveu parte da sua missão apostolar, religiosa e educativa, junto ao Colégio de Nossa Senhora do Sagrado Coração, do qual foi professora e secretária. Junto à Arquidiocese de Fortaleza, dirigiu, por algum tempo, o Boletim Informativo Arquidiocesano, por designação do Cardeal Aloysio Lorscheider, de quem foi colaboradora em vários projetos de cunho social.

Nas lides do magistério, distinguiu-se como professora de Inglês, Latim, Francês, História e Português. Além da publicação Na Voz do Uirapuru, e de outros folhetos que divulgou em vida, colaborou com a imprensa de Fortaleza e de outros Estados. Poetisa de extraordinários recursos e prosadora de erudição e talento, em 1980, publicou em Brasília, pela Gráfica do Senado Federal,

um substancioso livro de poemas – Em Busca da Plenitude, bastante elogiado pela crítica e com ele propondo-se a restabelecer a poesia em Cristo, de quem se fez amante fiel e muito fervorosa.

Estreando, aos 75 anos, com um livro pleno de poemas maduros e desataviados, chamou de logo a atenção de grandes escritores cearenses, tais como Jader de Carvalho, José Valdivino, Moreira Campos, Linhares Filho e Artur Eduardo Benevides, que escreveram, de forma apaixonada (e cada um a seu modo), sobre o significado e a leveza estética da sua linguagem literária.

Em 1986, atendendo a apelo de ordem interior, publicou o livro – Mensagens e Perfis, pela Editora do BNB, sob a chancela de Mauro Benevides, e com apresentações de Eduardo Campos e Joaryvar Macedo. Trata-se, no caso, de um conjunto de ensaios e reflexões, todo ele aberto à participação e ao diálogo. E assestado também para a dimensão espiritual dos grandes homens do seu tempo, que se encontram ali perfilados.

Se Em Busca da Plenitude reúne poemas tocados pela força do amor, pela transcendência da meditação, pela magia da fé, pelo sortilégio do espírito e pela seiva vivificante da sensibilidade e do afeto, Mensagens e Perfis, a seu turno, revela, para todos nós, uma prosadora plenamente senhora da linguagem e da mundividência com as quais apreende a composição do seu artesanato.

No livro com que a Irmã Férrer assinala o seu ingresso no convívio da letras, eu diria que aparece exposta a fratura da sua incontrolada emoção, a fratura da sua mensagem de sensibilidade e de encanto, unvida pelo sândalo da sua alegoria criativa e pelo compromisso com o soerguimento de um novo amanhã.

A poesia com que ela nos brinda o sentimento rebelado diante das aperezas do mundo, representa bem o atestado de quem se deixou desabrochar poetisa em estágio de maturidade, circunstância, aliás, que se deixa fotografar em todo o conjunto da sua luminosa produção, em cujo esteio a Madre Férrer se expõe como notável escritora, até mesmo nos poemas em que a rima e o ritmo de gosto popular predominam.

Prova-nos a Irmã Férrer a sua segurança quando trabalha na confecção de poemas caracteristicamente mais longos; entretanto, nada nos fica a dever quando nos revela a sua perplexidade de artista na feitura de poemas de menor dimensão, ou ainda quando parte para a montagem de um soneto do porte de “Mãos Sacerdotais”, sendo inquestionavelmente proveitoso o efeito por ela extraído dessa modalidade de composição.

Já no pertinente a seus textos, reunidos em *Mensagens e Perfis*, não saberia na verdade o que melhor apreciar: se as suas crônicas, banhadas pela leveza do cotidiano; se os seus ensaios, unguídos pelo encanto do lirismo e das revelações. Sua linguagem, por outro lado, parece facilmente acessível a qualquer tipo de leitor. Como função social, os seus textos valem sobretudo pela mensagem que disseminam e pelo poder de convencimento com que imanta a sua produção literária.

E por tudo isso, aliás, é que Joaryvar Macedo nos assegura que as suas crônicas, enfeixadas em *Mensagens e Perfis*, são “reveladoras de uma prosa leve, suave, simples e, por isso mesmo, agradável e aliciante”, tendo Eduardo Campos, da mesma forma, nos garantido que Deus está presente nas páginas descritas pela Irmã Férrer, “presente pela luminosidade de espírito de uma religiosa que sabe ver, sentir e escrever com segurança”.

Quando fala de monstros sagrados como Tancredo Neves, João Paulo II, Enrichetta Cesari, Teilhard de Chardin ou João Gonçalves de Sousa, por exemplo, a Irmã Férrer parece chegar ao melhor equilíbrio da sua produção. Contudo, não fica atrás quando descreve o drama dos desamparados, o universo dos simples ou a angústia dos que se acham privados do senso de fraternidade e humanização.

Devo registrar, agora, que os seus livros acima referidos, com a ajuda de Miriam e de Zenilo Almada, foram por mim lançados no Náutico Atlético Cearense, em 20 de junho de 1990. E sobre eles escrevi um texto de crítica literária, que publiquei no *Diário do Nordeste* e que reproduzi no meu livro *Ossos do Ofício* (Fortaleza, Editora Oficina, 1992).

Orgulho-me também de ser o autor do seu perfil biográfico, aquele que se pode ler num dos meus livros mais afetuosos – *Lavrenses Ilustres* (Fortaleza, BNB/Secult, 2ª edição, 1986). Ali, de forma didática e resumida, exalto a sua postura de poetisa e de mulher, a sua trajetória exemplar de sertaneja que honrou a sua terra natal e o Brasil, mercê da sua projeção internacional, e que faleceu em Fortaleza, aos 10 de dezembro de 1995.

Lamento que seu último conjunto de poemas, intitulado *Poesias*, ainda permaneça inédito, juntamente com o seu *Diário de Viagem à Europa e Oriente Médio*, escrito, este último, em 1966. Sei que essas relíquias e os seus objetos de uso pessoal foram recolhidos pela direção da Província Religiosa a que pertencia.

Dalí, em duas oportunidades, pelo menos, eu a carreguei nos braços para a Assistência Municipal de Fortaleza e o Pronto Socorro dos Acidentados,

quando, sucessivamente, vítima de pequenos acidentes, fraturou o fêmur e a bacia. Nessas ocasiões de dor e sofrimento, ela se limitava a sorrir, olhava-me carinhosamente nos olhos e dizia: “Dimas, sempre você por perto cuidando de mim”.

Não. Não era. O amor filial que eu tinha pela Madre Férrer era que me permitia a graça da aproximação, é que me havia dado o ensejo de levar os seus livros para as editoras. Numa dedicatória/agradecimento que me fez no primeiro de seus livros, registrou de público a minha participação no empreendimento. E quando publicou o segundo, me pediu, de forma carinhosa, que escrevesse a apresentação do volume. E vendo que eu havia indicado Jorayvar Macedo e Eduardo Campos para a execução da tarefa, reservou-me a quarta-capa do livro e não perdoou a minha sutilidade de amigo.

Nessa época, os meus filhos diziam que a Irmã Férrer era a minha namorada. E era. A admiração que eu sentia por ela (e ainda sinto), me fazia cativo das suas inúmeras virtudes, e beneficiário das suas orientações e conselhos. E tributário também dos seus cuidados e fiscalizações diuturnas.

Foi ela, por exemplo, que me levou para o consultório de Glaura, numa época em que tudo para mim era hipertensão e desequilíbrio coronariano, em que tudo para mim era uma vontade imensa de amar, incontrolada e incompreendida. Mas não por ela, verdadeiramente, e por Glaura Férrer, que passaram, com carinho, a sentir os impulsos do meu coração em sobressalto.

Pregoeira da mansidão e da bondade, mestra da vida espiritual e afetiva e expressão de amor maternal que muito me ensinou acerca da arte de viver, a Irmã Férrer constitui para mim o exemplo de quem se faz luz para o mundo, e ancora em Deus o significado de toda a existência terrena.

Acho, no entanto, que sua posição de líder espiritual da família lhe deu um lugar de destaque entre os que admiravam a sua postura de santa e de doutora. Convivi com ela não apenas nesta condição, mas na condição de lavrense e de sócio privilegiado do Clube de Amigos que partilharam com ela as atenções de brasileiros e cearenses com quem interagiu e conviveu em sua proveitosa existência.

Talvez me seja lícito apontar, no Brasil, entre as suas grandes admirações, o ex-ministro do interior, João Gonçalves de Sousa, Dona Risoleta Neves, que foi sua amiga e correspondente, e o industrial Edson Queiroz, de cuja intimidade privou com o maior entusiasmo. E entre os cearenses eu colocaria os nomes de Artur Eduardo Benevides e Dona Yolanda Queiroz, esclarecendo, aqui, que nenhum desses nomes exerceu sobre ela maior influência e bem-

querer do que Rachel de Queiroz, sua amiga, colega de colóquios proveitosos e interlocutora privilegiada.

Lembro-me das nossas conversas com Dona Yolanda Queiroz, tanto na Província das Dorotéias, no bairro Dias Macedo, quanto na sede do Grupo Edson Queiroz, na Praça da Imprensa. Quanto a Rachel de Queiroz, invoco o fato de que Rachel vivia permanentemente interessada por Fideralina Augusto, a célebre matrona lavrense. E éramos Joaryvar Macedo, eu e a Irmã Aurélia Férrer as fontes que Rachel sempre consultava no Ceará enquanto finalizava o seu clássico Memorial de Maria Moura (São Paulo, Editora Siciliano, 1992).

E tanto que, quando publicou o opúsculo sobre a grande coronela lavrense, intitulado Dona Fideralina das Lavras (Rio, UFRJ, 1990), foi a Irmã Aurélia Férrer a destinatária da distribuição do opúsculo entre seus amigos do Ceará. Heloisa Buarque de Hollanda, a co-autora de Dona Fideralina das Lavras, disse-me, certa vez, que uma das virtudes de Rachel era ser conterrânea de três mulheres que muito admirava: Fideralina Augusto, Sinhá D'amora e Aurélia Teixeira Férrer, todas, coincidentemente, minhas conterrâneas de Lavras da Mangabeira-Ceará.

Se, entre nós, sabemos ou não sabemos o significado dessa poetisa estu-penda e dessa cronista de escol, que o Ceará legou à literatura do Brasil, talvez não importe tanto no momento, quanto o fato de que, neste ano de 2005, a Sociedade Amigas do Livro/SAL está sintonizada com o seu centenário. É a essa sociedade de mulheres que devemos a homenagem que hoje se presta à sua memória imperecível. A Gláucia Férrer Pompeu, em primeiro lugar, e a Glaura Férrer Dias Martins, sobrinhas diletas e queridíssimas da Irmã Aurélia, sou grato de uma forma muito especial. E a Regina Fiúza também, que me convidou, de forma prazerosa e sincera, para aqui falar sobre uma das maiores admirações e esteios que remarcaram toda a minha vida.